

AUTO R I C E R C A

Filtros paraperceptivos, experiências fora do corpo e parafenômenos associados

Nelson Abreu

Número 5

Ano 2013

Páginas 37-59

 LAB

Resumo

O artigo de Robert Jahn e Brenda Dunne de 2004, “Sensors, Filters and the Source of Reality” (Sensores, filtros e a fonte da realidade) [JAH, 2004], levanta a importante questão do papel da consciência no universo físico, sugerindo que sua fonte última pode transcender o corpo, bem como as leis e variáveis do mundo físico no qual ela opera. Neste artigo, apresentamos estratégias de abordagem destinadas a sintonizar melhor a mente com sua Fonte subjacente, reduzindo ou modulando o efeito dos filtros fisiológicos, culturais e psicológicos que limitam e coloream a comunicação entre a mente e a Fonte. Existem estruturas e filtros adicionais entre o corpo e a Fonte que afetam esses níveis de não-manifestação física? Como veremos, as experiências fora do corpo e os parafenômenos associados revelam a existência de “corpos” e realidades sutis que podemos explorar e integrar à nossa bagagem cognitiva.

Introdução

A capacidade da consciência de adquirir informações e experiências de lugares e eventos inacessíveis aos sentidos físicos comuns tem sido relatada desde o início da história documentada e descrita em várias tradições culturais. Em tempos mais recentes, esses fenômenos têm sido chamados de *experiências fora do corpo*¹ (EFC) e estão intimamente relacionados, entre outras coisas, àquelas descritas como *experiências de quase morte*² (EQMs) ou “percepções remotas”.

Embora ainda sejam vistos com ceticismo pela ciência convencional, um número considerável de estudos acadêmicos e relatos pessoais atestam sua realidade, levantando a questão da natureza da consciência e suas interações com o universo físico. Essas evidências sugerem não apenas que a consciência pode transcender o corpo físico, mas também que ela pode reduzir ou modificar os efeitos dos filtros fisiológicos, culturais e psicológicos que limitam e colorem a comunicação mente-fonte. A experiência fora do corpo e os fenômenos associados também sugerem a existência de “corpos sutis” e realidades ou dimensões não físicas que exigem exploração e integração em nossos modelos atuais de consciência.

Experiências fora do corpo

Após sua rotina diária habitual, John se deita exausto em sua cama. Ele adormece quase imediatamente, mas recupera parte de sua lucidez quando ouve o latido de um cachorro. Ele então percebe que está experimentando algumas sensações incomuns - seu corpo está muito dormente, mas leve, e ele descobre que não consegue se mover. Pouco antes de entrar em pânico, nota uma estranha sensação de formigamento e vibrações elétricas por todo o seu corpo. A surpresa

¹ Em inglês, Out-of-Body Experience (OBE).

² Em inglês, Near-Death Experience (NDE).

positiva supera parcialmente o medo, e logo ele tem a impressão de que seu corpo está flutuando. As vibrações se tornam cada vez mais intensas, até que uma pressão na parte de trás da cabeça o empurra para fora da cama, acompanhada de uma forte sensação de afundamento. A vibração cessa e ele descobre que consegue ver seu corpo físico em repouso na cama. John se sente maravilhosamente bem, livre da matéria e da respiração. Ele percebe uma presença muito agradável e gentil e então é tomado por um forte desejo de ver sua mãe no hospital. Voando através da parede, ele se vê imediatamente ao lado do leito de sua mãe. O guia o instrui a enviar para ela energias vitais de cura. Quando ele “vê” o corpo não físico de sua mãe flutuando alguns centímetros acima do corpo físico, ele a ajuda a acordar na dimensão astral. Pouco tempo depois, o avô, que já havia falecido, vem cumprimentá-los. Muitos pensamentos e palavras são transmitidos durante esse abraço. John fica tão emocionado que imediatamente sente que está sendo puxado de volta para o seu corpo. No dia seguinte, sua mãe lhe conta sobre um “sonho”, referindo-se a alguns detalhes da noite anterior.

Uma *experiência fora do corpo* (EFC) típica pode se desenrolar mais ou menos como neste relato. Também conhecida como *projeção astral* ou *projeção da consciência*, é um fenômeno natural e universal que tem sido relatado ao longo da história. Ela corresponde à separação intencional ou espontânea da consciência do corpo físico. Nas últimas décadas, as EFCs entraram no campo da exploração científica e pessoal, fora dos limites da religião e do misticismo. Atualmente, é mais fácil para o indivíduo comum, bem como para o cientista, ter EFCs e outras experiências relacionadas a fim de chegar a uma compreensão mais lógica dos aspectos da vida que transcendem os sentidos e as regras físicas.

De acordo com os relatos de projetores conscientes, ou seja, aqueles que têm EFCs frequentes com um grau suficiente de lucidez e controle, é possível ter projeções conjuntas com subsequente corroboração de memórias de eventos extrafísicos

compartilhados. Semelhante à pesquisa sobre percepções remotas conduzida pela PEAR³, também é possível realizar observações visuais precisas da realidade física - nesse caso, estando consciente, mas invisivelmente presente na cena, na dimensão astral ou extrafísica. Alguns projetores lúcidos usam as EFCs como uma forma natural de obter acesso a realidades mais sutis e até mesmo ter um vislumbre da vida antes do nascimento ou após a morte física (a projeção final). Dessa forma, eles podem observar outras consciências enquanto se preparam para sua próxima existência física ou enquanto vivenciam a desativação do corpo físico.

As EFCs poderiam nos permitir explorar os processos psíquicos a partir de uma perspectiva multidimensional, revelando aspectos ocultos à nossa lucidez usual. Quais são os parassensores que podem ser sintonizados ou desbloqueados para desenvolver nossas parapercepções? Um dos maiores desafios no estudo desses processos é que o cientista não pode mais se limitar a ser apenas um observador⁴. Assim como não é possível entender verdadeiramente a interação máquina-consciência, como geradores de eventos aleatórios (GEA), sem ter uma experiência em primeira mão, da mesma forma os pesquisadores precisam se tornar sujeitos de sua própria pesquisa e realizar inúmeras explorações de EFCs para confirmar a realidade do fenômeno.

Só então um cientista poderá começar a entender a relevância das EFCs e o que essas experiências revelam sobre a natureza da consciência, incluindo as chamadas anomalias e outros processos

³ PEAR – Princeton Engineering Anomalies Research, é um laboratório de pesquisa originalmente estabelecido na Universidade de Princeton em 1979 por Robert G. Jahn, então reitor da Escola de Engenharia e Ciências Aplicadas, para conduzir um estudo científico rigoroso das interações entre a consciência humana e os dispositivos físicos, sistemas e processos comuns à prática moderna de engenharia. Depois de quase trinta anos na Universidade de Princeton, o PEAR agora opera sob a organização sem fins lucrativos ICRL – International Consciousness Research Laboratories [NdE].

⁴ Em inglês: Random Event Generator (REG).

sutis que afetam nossa vida diária. Entretanto, nem todas as tentativas de EFC serão bem-sucedidas, assim como nem todas as interações com um REG serão capazes de produzir resultados significativos. As evidências consideradas sérias resultam da coleta de inúmeras e repetidas tentativas.

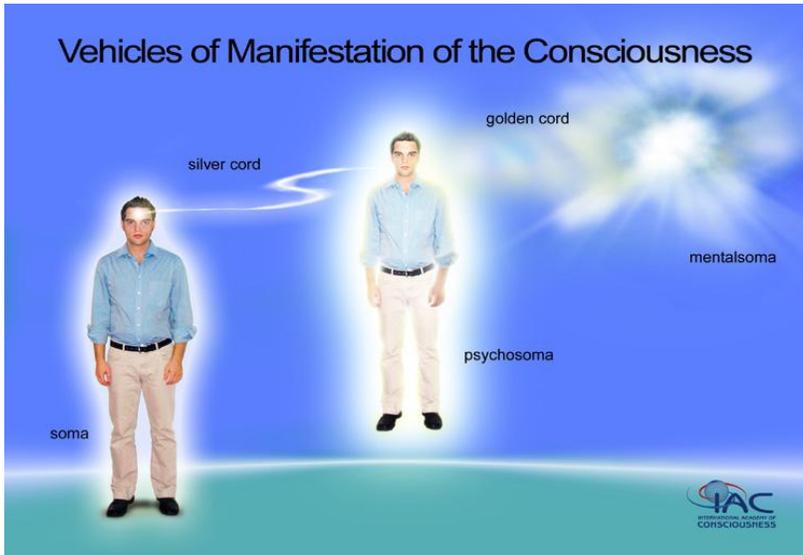


Figura 1 Veículos de manifestação da consciência e suas conexões “bioenergéticas”: soma, fio de prata, psicossoma, fio de ouro, mentalsoma. (Cortesia da International Academy of Consciousness © IAC 2004).

Atualmente, a maioria dos estudiosos da consciência conjecturam “como a consciência emerge da biologia”, mas as evidências reunidas por meio de pesquisas sobre fenômenos anômalos sugerem que esse chamado problema difícil da consciência poderia ser reformulado da seguinte forma: “Como a consciência se comunica com a biologia?”

Em [JAH, 2004], os autores propuseram um modelo de troca de informações entre a consciência (no sentido de mente ou percepção) e sua Fonte (consciência no sentido de self, eu, *atman*, alma, princípio inteligente). As experiências fora do corpo permitem que esse modelo seja ampliado, introduzindo realidades adicionais e “corpos” sutis intermediários, ou seja, diferentes níveis de filtragem

entre a consciência física e a Fonte.

Por exemplo, durante uma experiência fora do corpo, a pessoa se sente como se estivesse usando o *psicossoma*: um corpo sutil ligado às emoções, mais conhecido como “corpo astral”. Se as emoções se originassem no corpo, então a consciência deveria estar livre de toda emocionalidade durante essas experiências e após a morte biológica. Entretanto, parece ser exatamente o contrário: durante as EFCs ou EQMs, as emoções, antes amortecidas pelo veículo mortal denso, ou soma, são percebidas com maior intensidade.



Figura 2 Projeção parcial do paratorso, ou torso astral. (Cortesia da International Academy of Consciousness © IAC 2004).

Os projetores muitas vezes são trazidos de volta aos seus corpos, ou até mesmo perdem a consciência, quando se tornam excessivamente emocionais, resultando em uma significativa perda de lucidez e, em alguns casos, causando repercussões físicas no soma, ao qual estão energeticamente conectados. Além disso, na

dimensão extrafísica, não é incomum encontrar consciências em verdadeiros “estados de coma”, devido ao desequilíbrio mental e emocional, após a morte física.

Entre as experiências mais interessantes está a da projeção parcial, em que apenas uma parte do psicossoma - como a paracabeça (cabeça astral) ou uma paramão (mão astral) - é desconectada do corpo físico. Nessa situação, é possível perceber o corpo físico e o corpo não físico simultaneamente.

O psicossoma se conecta ao corpo por meio de um sistema de energia sutil, geralmente chamado de *corpo etérico* ou *energossoma*. Essa “bioenergia” pode estar relacionada à conexão teleológica levantada na hipótese de [JAH, 2004]. O mesmo poderia se aplicar a todos os fenômenos psíquicos, de acordo com o modelo da *projejiologia*, proposto na década de 1980 pelo pesquisador brasileiro Waldo Vieira, descrito primeiramente em seu livro “Projeções da Consciência” [VIE, 1981] e posteriormente em seu tratado “Projejiologia” [VIE, 2002].

Em minha própria experiência, descobri que fui muito mais eficaz em minhas tentativas de EFC quando adquiri maior controle dessa energia sutil (bioenergia, prana, chi) que atua como um canal de informações entre o corpo e o psicossoma, mas que também pode atuar como uma espécie de “cola” ou inibidor, quando está estagnada ou bloqueada. O maior controle dos fluxos bioenergéticos também me permitiu aumentar a ocorrência de outras percepções psíquicas.

A existência do energossoma é particularmente evidente durante uma EFC, quando as conexões de energia entre psicossoma e soma parecem se consolidar no que é comumente chamado de “cordão de prata”, que se acredita conectar a paracabeça (não física) com a cabeça física. De fato, essa conexão, que vivifica o corpo até a sua morte, às vezes pode ser visualizada por meio da clarividência, no estado de vigília física, embora seja muito mais fácil e natural percebê-la quando se está fora do corpo. Uma de minhas primeiras experiências foi uma projeção parcial em 1999, quando, na cama, “sentei-me com meu psicossoma” e, com meu parabraço direito,

pude sentir o cordão de prata atrás da paracabeça. A percepção foi muito real e eu senti esse cordão se formando e empurrando a paracabeça (cabeça astral) para fora da cabeça física.

Outra maneira pela qual o energossoma se revela nas EFCs é através das sensações pré-projetivas, que podem incluir o *estado vibracional*: um estado de ressonância do energossoma, que inclui sua aura, seus órgãos sutis (chacras) e suas vias de circulação (nadis ou meridianos). Projetores lúcidos famosos, como Robert Monroe e Waldo Vieira, indicaram a possibilidade de induzir intencionalmente esse estado vibracional.

Vieira descreveu como a desconexão parcial entre o corpo e o psicossoma, promovida pelo estado vibracional, pode facilitar as parapercepções sensoriais e as EFCs completas, como se essa condição pudesse sintonizar e abrir os canais apropriados. Além disso, as manifestações telepáticas durante as EFCs podem ser entendidas como a troca de informações por meio da bioenergia, codificada com pensamentos, ideias, intenções, memórias, sentimentos e emoções (ou *pensenes* - unidades hipotéticas de manifestação de pensamento-sentimento-energia). Às vezes, essa bioenergia pode ser trocada durante uma EFC para fins terapêuticos.

Também foi proposta a existência de outro “corpo” ou veículo para a manifestação da consciência – o *mentalsoma*, ou corpo mental, evidente em EFCs muito mais raras, em vez das EFCs comuns, por meio do psicossoma. Essas EFCs avançadas projetam a consciência em realidades que estão além do espaço e do tempo como normalmente os entendemos e estão relacionadas às chamadas experiências de *samadhi* ou *cosmoconsciência*, em que a consciência e a Fonte estão em comunicação direta. Também foi levantada a hipótese de que o veículo mentalsomático é a sede de nossa memória integral, resultante da sucessão de nossas existências passadas, tanto físicas quanto não físicas.

equiparando-a a um mero sonho vívido, ou arquivando-a na parte inconsciente da mente, onde não ameaça mais os sistemas de crenças dominantes, especialmente quando não é vivenciada de forma totalmente lúcida.

No entanto, há muitas pessoas que relatam sensações e percepções associadas às EFCs, geralmente sem reconhecê-las como tais, como voar, ver o próprio “corpo inerte na cama” ou “sonhos” compartilhados [TRI, 2002]. Projetores experientes afirmam que flutuar logo acima do corpo físico, em nosso corpo astral, faz parte do processo natural do sono de cada um de nós. Em outras palavras, parece que 100% da humanidade realmente tem experiências fora do corpo, ainda que próximas e sem estar ciente disso.

Por que, então, a consciência entra em uma condição de blecaute (perda de lucidez) quando o corpo vai dormir, se tal não é necessário? Desde que somos crianças, somos condicionados a dormir junto com nosso corpo (“bons sonhos!”). Como seria se nossos pais dissessem algo como: “É hora de colocar seu corpo para dormir! Lembre-se, hoje vamos visitar a vovó. Vejo você do outro lado, querido!”?

É possível que a perda de consciência seja também um reflexo condicionado de evitação do medo, da ansiedade e do trauma da morte (quando a EFC não terminaria com o retorno ao corpo físico). Ironicamente, a maioria das pessoas que tiveram EFCs ou EQMs acaba perdendo o medo de morrer.

Apesar das pessoas das sociedades modernas terem mais tempo disponível para atividades de lazer, educação e estudo autônomo, vários fatores psicossociais podem interferir na experiência da projeção lúcida. Muitos ainda não estão prontos para considerar a possibilidade de que a consciência possa funcionar fora do corpo, durante e após a vida biológica. Outros têm um conjunto de prioridades ou crenças que os tornam indiferentes ou desconfortáveis com relação à multidimensionalidade ou com um mundo que engloba um continuum de dimensões (“frequências” ou “níveis”) cada vez mais sutis da realidade, cada vez mais distantes das limitações e convenções do espaço-tempo. Esses filtros culturais e

psicológicos não apenas criam resistência em aceitar a realidade das EFCs e outras anomalias, como as estudadas no PEAR, mas também são capazes de inibir sua manifestação.

Por outro lado, milhões de pessoas poderiam começar a ter EFCs em apenas algumas semanas, com base em uma prática constante e inteligente. Há muitos relatos de pessoas que tiveram sua primeira EFC na noite ou na manhã imediatamente após assistir a uma palestra, ler um livro ou ter uma longa conversa sobre o tema das EFCs. Muitas vezes, o simples fato de tomar consciência da noção de *projetabilidade* pode neutralizar o “transe consensual” [TAR, 2001] que nos mantém em um “estado de paracomatose”.

O sono toma quase um terço de nossas vidas, e muitos acreditam que ele não tem função além do descanso físico. E se, em vez disso, pudéssemos desenvolver progressivamente a capacidade de nos manter em um estado de consciência contínua: sempre atentos, alternando entre a vida dentro e fora do corpo, sem jamais perder a lucidez?

Assim, a meta em questão é aprender a desbloquear e sintonizar adequadamente os sensores multidimensionais do nosso holossoma, a fim de ter EFCs com maior (1) lucidez, (2) controle, (3) frequência e (4) lembrança. Idealmente, deveríamos ser capazes de deitar-nos, relaxar, “decolar” sem interrupção da lucidez, possuir controle energético suficiente para lidar com uma variedade de situações extrafísicas, ir ao local desejado e adquirir uma percepção suficientemente clara dele, manter todo o acontecido na memória e, em seguida, transferir as informações adquiridas para o cérebro na “fase de aterrissagem” e registrá-las em um meio físico antes que essas memórias frágeis se desvançam. Nossos canais mais sutis estariam então suficientemente livres ou desbloqueados para nos permitir perceber simultaneamente as realidades físicas, energéticas e extrafísicas e saber como interagir com elas. Previsivelmente, esse nível de EFC só pode ser alcançado por meio de um longo processo de autotreinamento.

Há inúmeros casos relatados de projetores que se encontraram em um grupo (na dimensão extrafísica) com lucidez e depois se

lembraram da experiência comum com diferentes graus de sucesso: alguns se lembraram apenas de fragmentos ou prestaram mais atenção a determinados aspectos dos eventos em questão, provavelmente devido a seus filtros pessoais, outros se lembraram da experiência *em bloco*, enquanto outros não se lembraram de nada.

Imagine ir para o trabalho e não se lembrar que esteve na reunião de equipe do dia anterior! É interessante notar que parece ser possível lembrar-se de uma projeção anterior durante uma EFC subsequente. Essa é apenas uma das muitas indicações de que possuímos uma memória além do cérebro; uma memória integral que armazena todas as nossas experiências: físicas, projetadas e extrafísicas (antes e depois da morte biológica).

Vale a pena observar que, nas EFCs, nosso foco de atenção e nível de lucidez podem flutuar muito mais amplamente e mais rapidamente do que quando estamos no corpo físico. Os sensores perceptuais e seus filtros parecem ser mais complexos e difíceis de controlar. Portanto, a projeção da consciência inevitavelmente nos treina para harmonizar nossas reações cognitivas e emocionais.

Por outro lado, no estado fora do corpo, percebemos que o pensamento produz ação, comunicação e afinidades imediatas. Assim, aprendemos a nos conscientizar do tipo de *pensenes* que produzimos, ou do *campo mórfico* que criamos (conforme proposto por Rupert Sheldrake). Com mais canais telepáticos abertos, não há espaço nas EFCs para falsos sorrisos despercebidos e julgamentos silenciosos. É claro que, se nossa atenção estiver sempre saltitando ou nossa mente sempre divagando, podemos nos ver teletransportados de um lugar para outro, em meio às nossas interações, e assim deixar de atingir os objetivos de nossa “agenda extrafísica”.

Com o tempo e a experiência, o projetor em desenvolvimento percebe que muitas EFCs são apenas parcialmente conscientes. Essa limitação da lucidez pode interferir na percepção de que se está projetado, como nos chamados “sonhos lúcidos”, que tendem a ser EFCs semiconscientes caracterizadas por uma mistura de formas-pensamento evanescentes, elementos de imaginação onírica

produzidos pelo cérebro e reais sensações e percepções extrafísicas. A lucidez parece ser canalizada por um sensor cuja origem está além do soma e do psicossoma (o mentalsoma), mais próximo da Fonte.

A consciência, durante um sonho lúcido típico, tem consciência suficiente para perceber que está sonhando, mas não o suficiente para perceber a realidade tão claramente quanto no estado de vigília física referencial. Quando a pessoa consegue aumentar sua lucidez, não é incomum que as imagens do sonho se dissipem, revelando a situação real, com o psicossoma já parcialmente projetado na *base física*, que geralmente é o quarto. Os sonhos lúcidos não são um fenômeno incomum: de acordo com vários estudos, cerca de 20% das pessoas questionadas relatam tê-los experimentado.

Você já se sentiu adormecendo e então acordar de repente com uma sacudida forte? Essa é uma repercussão física típica devido à rápida reconexão da consciência no *psicossoma* com o *soma*, enquanto flutuava alguns centímetros acima do físico. A sensação real de queda é transmitida por meio da conexão energética entre o soma e o psicossoma. O cérebro interpreta o sinal criando um breve sonho no qual, por exemplo, caímos de um penhasco. Na medida em que recuperamos a consciência, acordamos com a sensação de queda e a percepção de um solavanco no corpo devido à reconexão abrupta.

Considerando a complexidade e o grau de individualidade dos sensores perceptuais e dos filtros físicos, só podemos imaginar a complexidade dos filtros extrafísicos! Em comparação, os sentidos físicos parecem tentativas grosseiras de replicar nossas “parapercepções”. O aspecto “visão” dessas parapercepções não-físicas nos permite “ver”, por meio da bioenergia, trezentos e sessenta graus simultaneamente, por exemplo, perceber a porta do guarda-roupa no terceiro andar do prédio ao lado do nosso, as moléculas de madeira que a compõem, a cor das roupas no guarda-roupa, o quarto atrás do guarda-roupa, o contorno de um documento importante dobrado no bolso de uma das camisas, a localização do seu proprietário e até transportar nossa consciência para esse local.

O projetor pode também encontrar “cores”, “sons” e várias outras

sensações que simplesmente podem não ser correlacionadas com as dos sentidos físicos. Além dessa possível dissimilaridade com as percepções familiares, outros fatores que podem contribuir para uma lembrança prejudicada das EFCs incluem pouca lucidez, duração excepcionalmente longa dessas experiências e retornos abruptos e desorientadores ao corpo físico.

É uma característica interessante das comunicações e percepções anômalas que as informações adquiridas no decorrer dessas experiências (ideias, intenções, emoções, memórias, propensões, etc.) podem, às vezes, ser interpretadas de acordo com uma variedade de sentidos, até mesmo simultaneamente, em uma espécie de “parassinestesia” não patológica. Por exemplo, em uma ocasião, eu estava em um evento público, em uma comunidade extrafísica de ambientalistas, quando o “palestrante” presente no evento foi capaz de transmitir telepaticamente uma emoção que eu podia perceber com empatia, mas também interpretar visualmente, enquanto outros participantes podiam interpretar o mesmo estímulo em termos de cores, sons ou sensações corporais.

As pesquisas realizadas na PEAR e em outros laboratórios indicaram que os correlatos subjetivos são mais significativos do que as variáveis físicas, como tempo e distância. Essas quantidades não parecem influenciar de forma significativa os resultados experimentais, enquanto que qualidades como intenção, ressonância emocional e significado atribuído em um nível pessoal provaram ser fatores relevantes na obtenção de resultados positivos. Da mesma forma, projetores lúcidos e outros indivíduos com habilidades psíquicas puderam observar por experiência direta que a chamada bioenergia desempenha um papel central em praticamente todos os fenômenos *psi* e que seu alcance é relativamente indiferente às distâncias espaciais e temporais.

Em vez disso, foram observadas diferenças significativas dependendo do relacionamento entre os participantes: uma variável claramente subjetiva e intersubjetiva. Quanto maior a afinidade entre duas consciências, maior a probabilidade de elas estabelecerem um

acoplamento áurico, ou seja, um vínculo transcendente capaz de aumentar a telepatia, a sinergia e a predisposição para ter projeções conjuntas entre elas.

Com o aumento das habilidades perceptivas, no entanto, também há mais espaço para percepções prejudicadas ou distorcidas, por exemplo, devido à carga excessiva de energia densa (mais próxima do físico) ou a estados de excitação emocional. Essas distorções da acuidade paraperceptiva foram detectadas na pesquisa sobre percepções à distância conduzida pela PEAR e pela IAC – International Academy of Consciousness. A PEAR empregou pares de participantes em sua investigação: um “agente” (emissor) colocado em um local-alvo e um “perceptor” (receptor) que teve de aplicar o que poderia ser chamado de “clarividência viajora”.

Já a IAC empregou tanto a clarividência quanto as EFCs para atingir o alvo que consistia em uma imagem em um computador colocado em um local conhecido mas isolado: uma sala adjacente ao local da atividade, como parte do experimento *Projective Field* [ALE, 2002], ou um escritório em Miami, como parte do *Image Target Project* [MED, 2002].

Em ambos os casos, os resultados obtidos variaram entre “precisão fotográfica”, correspondências parciais sobre o ambiente e/ou seus componentes e total imprecisão. Em alguns casos, foram reveladas grandes distorções geométricas, deformações do ambiente, diferenças de ênfase na representação de partes da cena ou até mesmo descrições relacionadas a experimentos futuros. Por exemplo, em um caso, vários perceptores descreveram a imagem-alvo de um termômetro como se ele estivesse de cabeça para baixo, descrevendo-o como um “vaso alto e estreito”.

Ajuste de filtros projetivos

Os filtros projetivos são facilmente detectáveis, embora pouco compreendidos em quase todas as formas de percepção anômala (parapsíquica). Nos cursos da IAC, os alunos geralmente praticam

exercícios nos quais experimentam um tipo de clarividência. Primeiro, os alunos relaxam seus corpos físicos da melhor forma possível, liberando a tensão muscular e psicocerebral, e também são incentivados a permanecer completamente imóveis (com exceção da respiração, é claro). Em seguida, são orientados a realizar uma série de mobilizações básicas de bioenergia para desbloquear, equilibrar e “soltar” o *energossoma* (*holochakra*, corpo etérico, corpo energético). O relaxamento psicofisiológico, a quietude física e um campo de energia mais maleável promovem naturalmente uma desconexão parcial entre o soma e o psicossoma.

A projeção consciente parcial (EFC parcial) predispõe um influxo facilitado de informações energéticas e extrafísicas - nesse caso, visuais: ver tanto a dimensão energética (observando diferentes níveis, flutuações, formas e cores da aura, emissões bioenergéticas, atividade dos chakras) quanto a dimensão extrafísica propriamente dita (“ver” presenças extrafísicas ou observar, por exemplo, a presença de instrumentos paratecnológicos). É interessante notar que um grupo de pessoas que usam a clarividência, ao observar a mesma pessoa, é capaz de sintonizar diferentes “canais” e níveis do evento multidimensional e, assim, descrever diferentes aspectos dele. Também é comum que as pessoas interpretem a mesma energia como cores diferentes. Outros aspectos, por outro lado, podem ser confirmados em termos mais objetivos em grandes grupos, como interrupções na aura (que podem significar um acoplamento energético entre a pessoa física e uma consciência extrafísica) ou as especificidades relacionadas à percepção de rostos extrafísicos (clarividência facial).

O tema da ressonância surge novamente em relação à sintonização dos filtros perceptuais. Embora seja uma sensação pré-projetiva comum e espontânea, o estado vibracional pode ser produzido voluntariamente, resultando em uma ressonância de todo o *energossoma* que pode ser percebida de forma bastante intensa, facilitando as percepções anômalas (parapercepções) ou o fluxo de informações entre o psicossoma (dimensão extrafísica) e o soma

(cérebro físico). O estado vibracional promove essencialmente a condição de projeção parcial mencionada acima e, portanto, também constitui uma técnica projetiva propriamente dita. Nesse caso, a ressonância ocorre dentro dos diferentes níveis ou componentes de um único indivíduo, e não entre indivíduos diferentes ou entre um indivíduo e seu ambiente físico.

Quando as pessoas adormecem e se projetam naturalmente (mesmo que apenas ligeiramente), elas podem começar a ouvir conversas extrafísicas nas proximidades. Surpreendidas, elas podem despertar (reconectar-se) e as vozes desaparecem repentinamente. Em muitos casos, quando voltam a dormir, a *clariaudiência* recomeça. Essa desconexão parcial determina a fase inicial de uma EFC, que pode ser descrita como uma redução das restrições impostas pelo corpo físico à consciência. Em vista disso, é provável que o psicossoma se projete mesmo quando não estamos conscientes dele, a fim de permitir que o energossoma recicle suas energias de suporte à vida.

Outro exemplo da aplicação do modelo de múltiplos corpos (*holossoma*) está relacionado à redução significativa das taxas de sucesso em experimentos de telepatia ou visão remota, quando a mente do participante está muito ativa e faz muito esforço para “ler” o objeto-alvo. Acredita-se que essa atividade cognitiva física impeça o fluxo de imagens e informações inconscientes, insights, psicometria, etc. A atividade excessiva do cérebro biológico parece, de fato, inibir a possibilidade de projeção da paracabeça o suficiente e a consequente abertura de canais paraperceptivos, mantendo assim a rigidez dos filtros conscientes comuns.

Uma condição semelhante ocorre nas tentativas de projeção lúcida. Muitas vezes, o indivíduo consegue um relaxamento físico profundo, mas permanece mentalmente hiperativo (por exemplo, devido à ansiedade, excitação ou outros fatores emocionais). Isso pode resultar em uma separação de todo o psicossoma do corpo físico, com exceção da paracabeça. Essa condição curiosa é chamada de posição *de Trendeleburg*. Observamos que os fatores atitudinais

também desempenharam um papel crucial em relação à pesquisa realizada no PEAR.

Por fim, podemos observar que, por meio do controle bioenergético e do aumento da capacidade de projeção, há um aumento natural da sensibilidade psíquica. Alguns usuários do REG (geradores de eventos aleatórios) relataram que se tornaram mais conscientes de seu campo de energia como consequência da interação com essas ferramentas. O modelo multidimensional e multicorpo oferece uma estrutura mais elegante e holística que pode levar a uma autocompreensão mais detalhada por meio da possibilidade de experimentação direta.

Se limitarmos o escopo da pesquisa sobre fenômenos anômalos às categorias parapsicológicas tradicionais de *percepção extrassensorial* (PES⁵) e *psicocinese* (PK⁶), muitos outros fenômenos serão ignorados, inclusive as experiências de natureza mais ambígua em que a distinção entre essas duas categorias conceituais não é clara. Mais importante ainda, essa categorização rígida impede a exploração das muitas semelhanças e sobreposições que unem muitas experiências anômalas. Por exemplo, como observamos no início deste artigo, as muitas semelhanças entre fenômenos como EFCs, sonhos lúcidos, experiências de quase morte (EQMs) e percepções remotas, entre outros, sugerem que essas distinções constituem filtros que enfatizam as diferenças entre essas experiências ao custo de não mais reconhecer sua origem comum, limitando assim a possibilidade de uma compreensão mais ampla delas.

Se ainda houver alguma dúvida sobre se as percepções *psi*, que a parapsicologia moderna considera de natureza física, são, em vez disso, primordialmente extrafísicas, basta observar que as habilidades *psi* também se manifestam no âmbito das consciências projetadas ou mesmo não corpóreas (extrafísicas). De fato, nessas esferas, os fenômenos *psi* constituem sua *língua franca* e *seu modus operandi*.

⁵ Em Inglês: Extra-Sensory Perception (ESP).

⁶ Em Inglês: Psychokinesis (PK).

É claro que esse é o ponto crucial da questão em relação à pesquisa parapsicológica atual. Os fenômenos que, com um pouco de esforço de imaginação, podem ser explicados por analogias limitadas emprestadas da física moderna recebem mais atenção da pesquisa e são mais facilmente tolerados pelas sociedades científicas, como a *Associação Americana para o Avanço da Ciência*.

Por outro lado, o mesmo não pode ser dito das pesquisas que apoiam a chamada *hipótese theta*, de sobrevivência além da morte biológica, que falsifica o reducionismo materialista - seja ele clássico ou moderno - e que está interessada no estudo integral da consciência, além da mera descrição mecanicista dos fenômenos, como é o caso, por exemplo, do programa PEAR/ICRL⁷. É realmente hora de “mudar as regras”!

Ao compreendermos os processos e mecanismos subjacentes a esses fenômenos transcendentais não locais, talvez consigamos superar nossos medos, desinformação e os romantismos e misticismos que geralmente cercam eventos caracterizados pela incerteza. Como já mencionado, a experiência mostra que o controle voluntário da bioenergia facilita muito as projeções. Mas, além disso, como esse controle poderia influenciar nossas interações máquina-consciência? Afinal, podemos entender nosso corpo como uma máquina biológica, cuja vitalização depende da presença da consciência, com um canal bidirecional de informações e energia entre o físico e o extrafísico, na direção da Fonte.

As experiências fora do corpo podem esclarecer o importante papel que a bioenergia desempenha em relação à saúde física, nossas interações com pessoas e ambientes, tanto físicos quanto não físicos, nosso nível de autodefesa, capacidade de cura, níveis de habilidades psíquicas e de comunicação e nossas capacidades de lucidez e percepção. Com a experiência, podemos nos tornar simultaneamente conscientes do que acontece conosco, tanto física

⁷ ICRL significa: International Consciousness Research Laboratories (Laboratórios Internacionais de Pesquisa da Consciência) (www.icrl.org) [NdE].

quanto não fisicamente (lucidez multidimensional), ou seja, o contexto multidimensional e multiexistencial (muitas vidas) no qual ocorrem nossos desafios pessoais, sociais e científicos.

Esse progresso nos deixará cada vez mais próximos da possibilidade de realizar EFCs avançadas, de desenvolver maior compreensão e controle de outros fenômenos, como interações mente-máquina e percepções remotas. Dessa forma, poderíamos entrar em contato com consciências mais evoluídas, além do corpo físico, superando os filtros de nossas experiências espaço-temporais com cada vez mais facilidade, aproximando-nos da unidade cósmica que Jahn e Dunne descrevem como um “diálogo não mediado com a Fonte”.

Bibliografia

- [JAH, 2004] R. Jahn & B. Dunne, *Sensors, Filters, and the Source of Reality* (“Filters”); *Journal of Scientific Exploration*, Vol. 18, No. 4, 2004. pp. 547-570.
- [MED, 2002] R. Medeiros & P. Sousa, *Image Target Research Project: A Methodology to Support Research on Remote Perception Phenomena*, Proceedings of the 3rd International Congress of Projectiology & Conscientiology, *Journal of Conscientiology*, Vol. 4, No. 15S, 2002.
- [SAS, 2005] M. Sassoli de Bianchi, *Letter to the Editor*; *Journal of Conscientiology*; Vol. 8, No. 29, 2005, pp. 53-63.
- [TAR, 1991] C. Tart, *Waking Up: Overcoming the Obstacles to Human Development*, Backinprint.com; 1991.
- [TRI, 2002] N. Trivellato, *Benefits of Conscious Projection (astral projection)*, Online article: International Academy of Consciousness, 2002 (www.iacworld.org).
- [VIE, 1981] W. Vieira, *Projections of the Consciousness*, Rio de Janeiro: International Institute of Projectiology and Conscientiology, 1981 (Portuguese), 1997 (English).
- [VIE, 2002] W. Vieira, *Projectiology: A Panorama of Experiences outside the Human Body*, International Academy of Consciousness, Miami, 2002.

AutoRicerca 5, 2013, pp. 37-59

Observação: a versão em inglês deste artigo foi publicada anteriormente com o título:

Out-of-Body Experiences: An Exploration of Non-Local Filters, pp. 163-176, em “Filters and Reflections: Perspectives on Reality”, editado por Zachary Jones, Brenda Dunne, Elissa Hoeger e Robert Jahn, ICLR Press (2009).

Direitos autorais © 2009. Reproduzido com permissão da ICRL Press.

A tradução deste artigo para o português, a partir do inglês, é de autoria de: Wagner Alegretti.